Algumas ideias sobre a pintura de paisagem no Brasil do século XIX

PALAVRAS-CHAVE: Pintura. Paisagem. Século XIX.

RESUMO DA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO

O catálogo *Paisagem nas Américas: pinturas da Terra do fogo ao Ártico* foi editado por Peter John Brownlee, Valéria Piccoli e Georgiana Uhlyarik, acompanhando a exposição do mesmo nome, que circulou, entre outras instituições, na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A leitura dos diversos ensaios, elaborados por especialistas de várias nacionalidades, muito me fez pensar sobre as aproximações e as diferenças da pintura de paisagem aqui no Brasil no século XIX em relação ao que é ali apresentado relativo a países – todos americanos -, mas tão diversos quanto ao clima, à geografia e ao tipo de colonização. São, assim, algumas ideias sobre o tema estimuladas por esse extraordinário catálogo.

Quase todos os autores destacam a enorme importância de Alexander Humboldt, as suas viagens à América, os seus escritos e, sobretudo, a sua indicação da maneira como a paisagem deveria ser representada: respeitando ao máximo a sua realidade – em termos de geografia, geologia, botânica e fauna - , mas sempre destacando o caráter sublime na sua apreciação – denotando a maravilha do universo e o caráter unitário de tudo o que foi criado pela natureza.

Essas indicações de Humboldt parecem ter-se entranhado em vários países da América, não apenas na obra dos naturalistas viajantes, mas também na obra dos artistas locais, na maneira como eles olham a própria natureza e a representam – exatamente numa época em que esses países se livravam do julgo colonial e se constituíam como países autônomos.

No caso do Brasil, essa atitude está certamente presente na obra de inúmeros artistas que participaram de expedições científicas ou que empreenderam por conta própria viagens pelo nosso vasto território, divulgando o seu resultado em

desenhos, aquarelas, óleos, gravuras, fotografias. Inúmeros exemplos poderiam ser citados aqui e têm sido muito bem estudados por inúmeros pesquisadores. Mas a pintura de paisagem realizada fora do âmbito dessas viagens não parece ter acompanhado aquela disposição humboldtiana, como é indicado em outros países, como o México.

Pelo menos no Rio de Janeiro, é interessante observar a linhagem estabelecida por alguns pintores, tais como Nicolau Taunay, Émile Taunay, Augusto Muller, Agostinho José da Mota, Georg Grimm e alunos. E, sobretudo, contrastar essas obras com o discurso e mesmo a obra de Manuel de Araújo Porto Alegre. Esse, sim, parece ter tentado colocar o Humboldt em prática e recomendá-lo como modelo a ser seguido para a construção de uma pintura de paisagem nacional. Mas não parece ter sido atendido.